



## FERNANDO PESSOA

### 33. CORAÇÃO

*Pessoa evoca a morte do seu maior amigo.*

Almada Negreiros  
(1893-1970). Re-  
trato de Mário de  
Sá-Carneiro.



«Nós éramos como um diálogo numa alma.»

## SÁ CARNEIRO

*Nesse número do Orpheu que há-de ser feito  
Com rosas e estrelas em um mundo novo.*

Nunca supus que isto que chamam morte  
Tivesse qualquer espécie de sentido...  
Cada um de nós, aqui aparecido,  
Onde manda a lei e a falsa sorte,

Tem só uma demora de passagem  
Entre um comboio e outro, entroncamento  
Chamado o mundo, ou a vida, ou o momento;  
Mas, seja como for, segue a viagem.

Passei, embora num comboio expresso  
Seguisses, e adiante do em que vou;  
No término de tudo, ao fim lá estou  
Nessa ida que afinal é um regresso.

Porque na enorme gare onde Deus manda

Grandes acolhimentos se darão  
Para cada prolixo coração  
Que com seu próprio ser vive em demanda.

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.  
Há almas pares, as que conheceram  
Onde os seres são almas.

Como éramos só um, falando! Nós  
Éramos como um diálogo numa alma.  
Não sei se dormes [...] calma,  
Sei que, falho de ti, estou um a sós.

É como se esperasse eternamente  
A tua vida certa e conhecida  
Aí em baixo, no café Arcada —  
Quase no extremo deste [...]

Aí onde escreveste aqueles versos  
Do trapézio, doriu-nos [...]  
Aquilo tudo que dizes no «Orpheu».

Ah, meu maior amigo, nunca mais  
Na paisagem sepulta desta vida  
Encontrarei uma alma tão querida  
Às coisas que em meu ser são as reais.

[...]

Não mais, não mais, e desde que saíste  
Desta prisão fechada que é o mundo,  
Meu coração é inerte e infecundo  
E o que sou é um sonho que está triste.

Porque há em nós, por mais que consigamos  
Ser nós mesmos a sós sem nostalgia,  
Um desejo de termos companhia —

O amigo como esse que a falar amamos.

1934

**Poesias Inéditas (1930-1935)**. Fernando Pessoa. (Nota prévia de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1955 (imp. 1990): 184.